

# Terra, Costumes e Ritos Chineses

## Segundo a *Historia del Principio y Progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales* de Alessandro Valignano

FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA\*



### O PORQUÊ DA CRÓNICA

No prómio da primeira parte da *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales*, Alessandro Valignano – o *visitatore* das missões jesuítas das Índias Orientais e do Japão – enumera os motivos pelos quais decidira escrever esta obra. Por aí percebemos que tal incumbência lhe fora passada pelo geral Everard Mercurian (1573-1580) e reiterada, algum tempo mais tarde, pelo geral Claudio Acquaviva (1581-1615). Percebemos também que a redacção de uma crónica sobre os trabalhos da Companhia no Oriente surge um pouco pelas mesmas razões que levavam os responsáveis jesuítas de então a desejar publicar uma história geral da Companhia<sup>1</sup>.

\* Doutorado em Geografia Humana pela Universitat Autònoma de Barcelona. É investigador do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

*Ph.D. in Human Geography from Barcelona's Universitat Autònoma. Researcher at the Centre for Overseas History at Lisbon's Universidade Nova and recipient of a post-graduate scholarship awarded by the (Portuguese) Foundation for Science and Technology.*

Julgavam estes que tais instrumentos de auto-representação seriam indispensáveis para fidelizar adeptos e leitores, o que ajudaria a impor uma imagem credível da instituição. Dois precedentes relativamente recentes já anunciavam este desiderato: por um lado, as sucessivas directrizes referentes à escrita e à edição da correspondência missionária que acontecem a partir de 1656, quando se estabelecem os parâmetros a que deveriam obedecer as cartas ânuas; por outro, a reforma epistolográfica que o próprio Valignano introduziu para a redacção e publicitação das denominadas “cartas japonesas”, entre finais da década de 1570 e o início da década de 1580.

Quer os excessos retóricos propiciados pela função apologética inerente a este tipo de cartas, quer as frequentes contradições e truncagens dos respectivos conteúdos que resultavam do facto de muitos editores, livreiros e censores não se coibirem de polir a seu bel-prazer os originais de modo a torná-los mais apetecíveis ou mais vendáveis, há muito que suscitavam críticas no interior da Ordem, assim como da parte do público exterior a ela<sup>2</sup>. Simplesmente, mesmo que as directrizes



Alessandro Valignano.

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

de Valignano tenham conseguido estabelecer mais rigor, mais simplicidade e menos prolixidade nas prosas dos escribas das mais modelares das residências asiáticas, isso não foi o bastante para impedir que a procura de colectâneas de cartas provenientes das missões da Companhia entrasse então na fase de definitivo declínio.

Em Portugal, assim aconteceu a partir de 1570, quando sai em Coimbra a compilação de 82 cartas mandada fazer pelo bispo D. João Soares. Em Espanha ocorre idêntico abrandamento nos anos seguintes a 1575, data da edição em Alcalá das *Cartas de Iapão* coligidas entre 1549 e 1571. As colecções lusas de 1588, 1589, 1593 e 1598 (inclusive esta última, referente aos dois monumentais volumes de *Cartas de Iapão & China* publicados em Évora pelo arcebispo D. Teotónio de Bragança) não corrigem esta tendência, até porque, ao escolherem apenas o português para língua de divulgação, tinham reduzido à partida o espectro de potenciais leitores. Olhando as edições romanas, nota-se que os primeiros volumes de cartas consagrados em exclusivo aos relatos sobre os progressos das missões japonesas – as *Lettere del Giappone degli anni 74. 75 & 76*, de 1578, e as *Lettere del Giappone dell'anno MDLXXVII*, de 1579 – apresentam dimensões menores do que a generalidade das colectâneas que as haviam precedido. No campo das edições francesas, identificamos a ocorrência de uma contracção editorial semelhante após 1571, tanto assim que, por exemplo, só se conseguem identificar algumas notícias actualizadas sobre as missões indianas nos *Novveaux advis des Indes Orientales et Iapon*, editados em Paris no ano de 1581<sup>3</sup>.

Confrontados com um fenómeno de decadência do género que parecia irreversível, os jesuítas passam então a apostar na escrita de histórias missionárias. Confiavam que esta espécie de prosa teria condições de oferecer um relato mais rigoroso e coerente do seu património memorialístico e de contribuir de forma mais eficaz para cativar vocações e apoios<sup>4</sup>. Este novo programa, em que o arranjo tantas vezes heteróclito das colectâneas epistolares cede lugar ao exercício historiográfico “claro e ordenado” das crónicas e à ideia subjacente de que se deveria tratar a dimensão missionária *per se* numa obra de síntese, vai ser concretizado pela primeira vez – e no que às importantes missões asiáticas diz respeito – por Giovanni Pietro Maffei. Fê-lo ao publicar em Dillingen, em 1571, o livro intitulado *Rerum a Societate Iesu in Oriente gestarum ad*

*annvm vsque a deipara virgine MDLXVIII comentarius*. Em boa verdade, tratava-se de uma tradução da *História das Missões do Oriente até o anno de 1568*, manuscrito inédito do padre Manuel da Costa (1540-1604). Este jesuíta português havia trabalhado sobre o imenso espólio não censurado de correspondência missionária guardado em Portugal nos arquivos da Companhia. Apesar da intensa polémica que o impresso de Maffei suscitou – Costa não se reviu na versão latina do italiano e Matteo Ricci corroborou-o quando escreveu que a obra em causa trazia variadíssimos erros<sup>5</sup> –, o certo é que a sua sorte editorial parece não ter sido demasiado afectada por isso: reedições em Paris (1572), Nápoles (1573) e Colónia (1574, 1579 e 1583); tradução francesa, em Lyon (1571); tradução alemã, em Ingolstadt (1586); possível edição checa em 1573<sup>6</sup>.

Volvidos cerca de 12 anos sobre o lançamento desta tradução da *História das Missões* de Manuel da Costa – e, sobretudo, depois de quase uma década de visitas circunstanciadas às principais missões do Oriente (1574-1583) –, chegara a vez de Valignano se sentir habilitado para escrever sobre os

*“exemplos tan vivos de los trabajos que sus mesmos Hermanos padecieron, y la buena y grande prueva que dieron de sus virtudes en plantar y cultivar entre gente tan inculta y bárbara tanta christiandad, como en diversas partes hizieron”*<sup>7</sup>.

Aquela que intitulou *Iª Parte de la Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales* terá sido concluída em Cochim em finais de 1583, quer dizer pouco depois do autor ter regressado à Índia vindo da sua primeira visita ao Japão (Julho de 1579-Fevereiro de 1582). O texto foi enviado de Goa para a Europa em 1584, no navio em que seguia a célebre “embaixada” dos quatro dáimios japoneses idealizada por Valignano e que ia prestar obediência ao Papa Gregório XIII. A cópia manuscrita que chegou aos dias de hoje, redigida integralmente em castelhano e dividida em 30 capítulos, trata dos acontecimentos passados entre 1542 e 1552, período correspondente à época do padre-mestre Francisco Xavier. Para a preparação deste texto, Valignano não deixou de ter em conta a minuta daquela que é comumente vista como a primeira biografia do missionário navarro: a *Vida do bem-aventurado padre Francisco Xavier, religioso da Companhia de Jesus*, assinada pelo padre Manuel Teixeira, em 1580, ampliada e corrigida pelo mesmo Teixeira, em

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

1581, e logo depois traduzida para italiano e castelhano. Uma segunda parte da *Historia del principio y progreso* deveria prolongar a cronologia até 1574, data da chegada de Valignano a Goa. Escrito em português, este aditamento encontrava-se concluído até ao 18.º capítulo (crónica dos acontecimentos até ao ano de 1564), quando a respectiva redacção foi suspensa<sup>8</sup>.

Já quando se colocara a possibilidade de edição, em Roma, da *Vida de Francisco Xavier* de Manuel Teixeira, Valignano insistira desde Cochim, em 1585, para que o texto não fosse impresso antes de ser cuidadosamente revisto. Tal terá sido determinante para que a obra de Teixeira não fosse editada e acabasse por ser substituída pelos *De Vita Francisci Xavierii Libri Sex* de Orazio Torsellini (Roma, 1596). Ora, aquelas exigências de rigor que formulara a respeito da biografia de Teixeira não tardou Valignano a impô-las à sua própria *Historia Indica*, razão pela qual esta só veio a ser dada à estampa em 1899-1900 nos *Monumenta Xaveriana* (I, pp. 2-199). Para o tema que aqui nos prende de modo particular, esta mesma circunstância implicou terem permanecido inéditos os relevantes trechos sobre as “*tierras y costumbres del gran reino de la China*” que, à semelhança do que também fez para o Japão, Valignano decidiu interpolar na narrativa da acção missionária conduzida por Xavier que funciona como fio de prumo do texto. No essencial, tal dissertação sobre as realidades materiais, humanas, políticas e religiosas da China encontra-se agrupada em três capítulos, perfazendo 22 fólios: o 26.º, sobre as “*qualidades*” desse país (fls. 114-121); o 27.º, sobre o “*estado del rei de la China y de sus parientes y mandarines y modo de su gobierno*” (fls. 121-130); e o 28.º, onde se escreve sobre “*algunas otras costumbres y desórdenes que ay en la China y de su religión*” (fls. 130-136).

Sobre o contexto que enquadra esta redacção particular, há que ter presente que, no preciso momento em que ultimava estas páginas, o visitante deveria sentir no seu íntimo algo muito semelhante ao que Xavier sentira cerca de quatro décadas antes, quando uma série de reveses sucessivos – do Noroeste da Índia à Costa da Pescaria, das Molucas ao Japão – lhe servira para afastar os sonhos mais ou menos ingénuos que fora alimentando de descobrir em qualquer desses lugares um povo de cultura sólida ou, quando muito, leal e apto para engrossar o número dos doutrinados de um modo que não fosse apenas nominal. De facto, um ano bastara a Valignano para que o mundo hindu o

aborrecesse com o seu clima e o seu povo e, das esperanças entusiásticas na “*gente bianca*” do Japão e da China que ainda nutria em 1597, não tardou a passar para uma prudência não isenta de alguma repulsa a respeito dos japoneses que entretanto fora conhecer às suas ilhas. Claro está que isso não chegava para os assimilar aos indianos, mais aptos para servir que para comandar, de acordo com a fórmula aristotélica que lhes aplicou, e, muito menos, para os colocar em pé de igualdade com os africanos negros, que desprezara à partida por efeito de uma afectação cultural que constituía a norma num europeu do seu tempo. No entanto, nesse princípio da década de 1580 era já evidente que a China e os chineses se insinuavam de forma clara a Valignano como a única promessa imaculada que restava<sup>9</sup>. Como dificilmente poderia deixar de ser, o conteúdo da sua *Historia Indica* espelhará o essencial desta nova leitura das prioridades: como o reconhecem as principais referências da própria historiografia jesuíta, esta obra peca, desde logo, por uma razoável parcialidade quando se trata de avaliar as potencialidades e as gentes da Missão da Índia e aquelas da missão do Japão e China<sup>10</sup>.

Também não devemos perder de vista que a escrita desta primeira parte da *Historia del principio y progreso* coincide, pouco mais ou menos, com as convocatórias de Michele Ruggieri e de Matteo Ricci para Macau, qualquer delas determinada depois de uma primeira passagem por esta cidade – entre Setembro de 1578 e Julho de 1579 – ter sensibilizado Valignano para a necessidade de desenvolver o método de acomodação cultural e de o aplicar na China. Como é sabido, Ruggieri chega à Cidade do Nome de Deus em Julho de 1579 e Ricci junta-se-lhe em Agosto de 1582. A ambos é dada a ordem de mergulharem a fundo na aprendizagem da língua chinesa, tanto oral como escrita. A Ricci, contudo, é pedida a tarefa suplementar de escrever um sumário sobre a gente, os costumes, as instituições e o governo da China. É provável que, quando redigiu esta descrição geográfica da China, Ricci tenha contado com a colaboração mais ou menos empenhada do então já relativamente experimentado Ruggieri, se bem que os termos exactos em que esta ajuda se poderá ter efectivado permaneçam obscuros<sup>11</sup>. De qualquer forma – e tal como sucedeu com a maioria das cartas e relatórios que Ricci assinou até ao final dos seus dias –, esse texto conheceu uma difusão limitada, nunca tendo sido publicado. Mas, como veremos de

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

seguida, isso não obsteu a que Valignano se apoderasse dele para as extensas secções relativas à China da sua *Historia Indica*.

## PRIMEIRAS PISTAS INTERTEXTUAIS

A exegese consagrada é relativamente unânime ao considerar que a escrita – ou, pelo menos, a revisão – dos capítulos dedicados à China da *Historia del principio y progreso* deve ter acontecido depois da partida de Alessandro Valignano do arquipélago nipónico, no início de 1582<sup>12</sup>. Sabemos também que Valignano voltou então a tocar Macau (Março de 1582), onde a espera da monção o fez coincidir, alguns meses depois, com o recém-chegado Matteo Ricci.

Desde logo, uma leitura apressada desses parágrafos consagrados à China permite colher vários indícios de observações feitas pelo autor em Macau, tal como de dados cedidos por mercadores e missionários estabelecidos nas costas chinesas e que o visitante deverá ter interpelado. Em qualquer caso, temos de ser cautelosos com as alegações que Valignano produz a propósito das fontes que utilizou para construir tais capítulos da *Historia Indica*. Aí, repetem-se expressões do estilo “conforme a lo que hasta agora por sus libros y informaciones pude entender”<sup>13</sup>, “conforme a lo que los chinas escriben y dicen”<sup>14</sup>, “como yo saqué en limpio por sus libros”<sup>15</sup> ou “yo tuve muchos dellos [livros chineses] en las manos, viendo sus figuras como las pintan, y haciendo que me declarassen muchas cosas, que tengo por escripto traducidas por buenos intérpretes”<sup>16</sup>. À parte estas pistas, não nos são facultadas quaisquer outras sobre o exercício intertextual consumado. Contudo – e, precisamente, porque o espaço continental chinês ainda está proibido à vista e os mais cotados informadores jesuítas continuam sem poder abandonar Macau ou a periferia de Cantão –, o que observamos é que grande parte do descritivo do italiano repousa sobre duas fontes principais: por um lado, o referido compêndio de notícias chinesas que Matteo Ricci (com a eventual ajuda de Michele Ruggieri) fizera “*molto in fretta*” para o padre visitante<sup>17</sup>; por outro, o *Tractado das cousas da China* do dominicano português frei Gaspar da Cruz, livro impresso em Évora entre 1569 e 1570 e que representava a mais importante descrição sistemática exclusivamente consagrada à China até então publicada no Ocidente.

Sendo hoje suficientemente conhecida a origem de grande parte da informação que frei Gaspar recolheu

e divulgou por interposto *Tractado*, ao dizermos da dependência textual que a secção chinesa da *Historia Indica* de Valignano revela em relação a esta obra temos de ter presente que tal quer desde logo significar que o que aí ocorre é um aproveitamento em segunda mão da minuta, bem mais antiga, do texto conhecido por *Tratado* de Galiete Pereira (1553-1565)<sup>18</sup>. Em alternativa, devemos também considerar a hipótese dos conteúdos do *Tractado das cousas da China* que aqui identificamos não terem sido lidos de forma autónoma por Valignano, mas antes aproveitados a partir do que deles acaso reemergiria naquela perdida relação de Ricci<sup>19</sup>. Por outro lado, é possível, mas não certo, que algumas secções da *Historia* de 1583 que assinalaremos de seguida subentendam interferências textuais da *Década I* (Lisboa, 1552) e da *Década III* (Lisboa, 1563) de João de Barros. De maior importância e significado que estas últimas supostas fontes são as adaptações ou as emendas que um texto como o *Tractado das cousas da China* de Gaspar da Cruz aqui sofre por Valignano (ou o padre Ricci, no caso dele ter sido a voz intermediária) se encontrar apostado em conservar para a China a imagem de república platónica, tal qual esta vinha sendo veiculada desde os anos de 1540 em vários escritos dos missionários jesuítas ou pelos autores de gabinete que neles beberam. Entre os textos que se enquadram neste conceito, salientamos: a *Enformação da chyna* coligida pelo padre Xavier no início de 1548 e que veio a formar o décimo nono apartado do códice intitulado *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*, compilado pelo governador da Índia Garcia de Sá<sup>20</sup>; o retrato do quotidiano chinês oferecido pelo piloto português ao serviço de Francisco I de França João Afonso (ou Jean Alphonse de Saintonge) na *Cosmographie avec l'espère et régime du soleil et du nord* (ms. c. 1544)<sup>21</sup>; e a breve descrição da China inserida no tratado *De gloria* de D. Jerónimo Osório (Coimbra, 1549)<sup>22</sup>.

Em qualquer caso, assinale-se que antes de dedicar à China o tratamento específico nos apartados que dissemos, Alessandro Valignano dispersa diversas notícias a seu respeito induzidas pelas memórias e pelas próprias cartas do fundador das missões da Companhia na Ásia. Sabemos que o manuscrito da *Vida de Francisco Xavier* do padre Manuel Teixeira terá funcionado aqui como referência fundamental, mas isso não obsta a que parte do que de mais interessante nos conta resulte do conhecimento directo adquirido ao longo dos quase dez anos de Oriente que levava. No capítulo XII da

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

*Historia Indica*, onde consta o baptismo malaio de Xavier, em 1545, estão dois bons exemplos disso: um, quando Valignano compara a língua e a *facies* dos malaios com as dos indianos e as do conjunto constituído pelos chineses e japoneses<sup>23</sup>; outro, quando confronta a “*prosperidad temporal*” da Malaca de quatro décadas atrás com a cidade “*muy disminuida de gente*” que foi encontrar. A praça continuava a ser “*como una llave de todos aquellos mares*” e a ela ainda afluíam naus vindas de Goa, Cochim, Chaul, S. Tomé de Meliapor, Bengala, Pegu, Sião, Java, Banda, Sunda, Solor, Timor, Maluco e, bem entendido, da China e do Japão. Porém, o seu declínio era indisfarçável, estando “*muy diferente de lo que antes estava*”<sup>24</sup>.

No capítulo XXIV, alusivo à derradeira passagem de Francisco Xavier por Malaca, em 1552, vêm inseridos extractos de duas cartas que o antigo padre-mestre redigira nos seus últimos dias de vida, em Sanchoão. A primeira seguira para o padre Gaspar Barzeu, reitor da Companhia de Jesus em Goa, e a segunda para o padre Francisco Pérez, superior da residência dos jesuítas de Malaca. Há que dizer que nem uma nem outra acrescentam demasiado ao que já constava numa missiva que Xavier endereçara a Barzeu a 16 de Julho de 1552, na circunstância em que fora feito refém de D. Álvaro de Ataíde da Gama, capitão do mar de Malaca<sup>25</sup>. Tal como nessa carta anterior – e, de resto, como na principal historiografia jesuíta subsequente – Ataíde está condenado a desempenhar o papel de “*enemigo infernal*” ou de “*ministro del demonio*”<sup>26</sup> por ter esvaziado a missão diplomática que as autoridades máximas do Estado Português da Índia haviam enviado à China sob comando de Diogo Pereira, missão essa que fora gizada em conjunto por Pereira e Xavier<sup>27</sup>.

O relato prossegue no capítulo seguinte, onde se concentra a avaliação que o padre Xavier fizera dos obstáculos levantados à empresa da China pelas leis que interditavam a entrada de estrangeiros no Império e pelo poder absoluto dos mandarins. Voltam a ser citadas duas cartas que Xavier dirigira a Pérez desde Sanchoão, ambas retiradas da obra de Teixeira (22 de Outubro e 12 de Novembro de 1552). Quer numa, quer noutra descobrimos já aquela figura febril para quem o apelo “*de las qualidades de aquella tierra*”, da “*manera del gobierno*” e do “*saber de los mandarines*” é mais forte que todos os conselhos que os portugueses e os chineses que andavam por perto lhe davam no sentido de não arriscar a loucura que forjava: fazer-se levar a coberto

da noite para uma praça de Cantão e tentar obter aí o consentimento das autoridades para o início da pregação católica no Império do Meio<sup>28</sup>. No capítulo XXIX descrever-se-á a sua morte, para o que Valignano pôde contar com o testemunho de António de Santa Fé, um “*chim*” que estudara no Colégio de São Paulo de Goa durante sete ou oito anos e que, aos 20 anos de idade, se propusera servir de intérprete a Xavier, tendo acompanhado a sua agonia – um “*buen christiano, honrrado y viejo*”, conforme no-lo descreve o visitador, que fora a tempo de o encontrar vivo em Macau, quando da sua primeira passagem por essa praça, entre Setembro de 1578 e Julho do ano seguinte<sup>29</sup>.

## PROMISSORAS MUNDANIDADES

O esboço da China física e humana que principia no capítulo XXVI da *Historia del principio y progreso* é aberto com um punhado de informações que, não constituindo novidade absoluta em relação ao que já corria em vários textos da época, ainda assim confirmam o recurso a testemunhos de vista originais ou, então, sugerem o aproveitamento de provas escritas e cartográficas algo diferentes das que tinham sido manipuladas por autores como o jesuíta Baltasar Gago (na *Enformação da China* que recolhera de Amaro Pereira, prisioneiro português em Cantão, e que anexou a uma carta que remeteu de Goa para Portugal a 10 de Dezembro de 1562), João de Barros (nas três primeiras *Décadas da Ásia*), o padre Manuel Teixeira (na carta que escrevera em Macau, a 1 de Dezembro de 1565, para os jesuítas da Europa), frei Gaspar da Cruz (no *Tractado das cousas da China*) ou Martín de Rada (na *Relacion verdadera de las cosas del reyno de Taibin, por outro nombre China*, correspondente ao relatório preliminar que este agostinho espanhol alinhavara para o governador das Filipinas logo após ter realizado uma viagem à província chinesa de Fujian, em 1575). As exclamações produzidas ante a riqueza inexcedível do país, a sua dimensão pasmosa, a insuperável densidade da ocupação humana ou a “*ventaja*” de existir “*debaxo de un solo rey*” constituem a parte mais banal do retrato. Mas já é menos banal que a aparência e os hábitos dos chineses voltem a surgir por confronto com os dos seus vizinhos do Japão<sup>30</sup>. Nesse sentido, Alessandro Valignano tanto os confirma idênticos na cor da pele e na fisionomia, como os afirma gémeos na “*delicadeza de entendimiento*”.

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

Em contrapartida, parecia que os chineses haviam estudado de propósito o modo de serem o mais distintos possível dos japoneses nos costumes e no modo de vida. Páginas adiante virão os detalhes: enquanto os chinsas eram “*sanguinos, alegres y enojados*”<sup>31</sup>, exteriorizando facilmente as suas paixões como “*los nuestros de Europa*”<sup>32</sup>, os japoneses eram muito mais moderados e contidos, abstendo-se das gritarias e zaragatas, das trocas de socos e dos puxões de cabelos que os primeiros, por regra, praticavam entre si<sup>33</sup>. Dá-se a este respeito uma coincidência a reter com a primeira redacção do *Sumario de las Cosas de Japon*, que Valignano concluiu em Cochim pela mesma altura em que compôs a primeira parte desta *Historia*<sup>34</sup>. É que, aí como aqui, Valignano estabelece o contraste entre chineses e japoneses, contraste este que, como que a sublinhar a aprendizagem das gentes extremo-orientais entretanto consumada, será substituído pela comparação entre japoneses e europeus na segunda versão deste *Sumario* (1593)<sup>35</sup>.

Outra relativa originalidade do retrato chinês do visitador das missões da Índia e do Japão que vem no princípio do capítulo XXVI da *Historia Indica* é a que toca ao enquadramento geográfico do Império do Meio. Ainda que mínimos, observamos neste particular uma série de acertos com o que corria em manuscrito ou em impresso, sempre escudados na escuta de naturais ou na leitura de livros, informações e mapas locais. Por exemplo, o país estender-se-ia dos 20° aos 47° ou 48° N<sup>36</sup>, tinha mais de 400 léguas de Norte a Sul contra mais de 300 de Este a Oeste<sup>37</sup>, construía “*um muro muy grueso de increíble circuito de poco más o menos trescientas leguas*”<sup>38</sup> para se resguardar da guerra intermitente que mantinha com os tártaros a Setentrião (óbvia alusão à Grande Muralha) e repartia-se em 15 províncias, duas das quais – Pequim e Nanquim – “*se llaman cortes, porque en Paquín, que es cerca de los confines de los tártaros, está de muchos años a esta parte el rey con su corte; y Nanquín, que está en medio de la China, aunque más llegada a la parte del mar, es también ciudad real, donde estava primero el rey con su corte, y agora tiene otros oficiales muy grandes en su lugar*”<sup>39</sup>. Isto seria quase um decalque da percepção pioneira de Rada sobre o estatuto metropolitano daquelas duas províncias – percepção essa posteriormente homologada por frei Juan González de Mendoza na sua *Historia de las cosas mas notables, ritos y costumbres del gran Reyno de la China*

(Roma, 1585; ed. ampliada, Madrid, 1586)<sup>40</sup> –, não fora o acrescento que diz que o conjunto das 15 estava de tal maneira repartido “*que las siete de ellas tienen correspondencia con el consejo real de una corte, y las otras siete dependen del de la otra*”<sup>41</sup>.

Na descrição da típica geometria urbana chinesa, da vida a bordo das infinitas embarcações que se amarravam nas margens dos rios, na contagem das cidades e na respectiva hierarquização, Alessandro Valignano oscila entre aquilo que é comum a quase todos os autores fundamentais que o precederam e o que, apesar de não menos típico e também passível de provir de Ricci, fora expresso de modo quase idêntico por um frei Gaspar (a imagem da China cortada “*de muy grandes y hermosos ríos*” que também encontramos no capítulo IX do *Tractado das cousas da China*)<sup>42</sup> ou por um João de Barros (a autoridade que “*un governador que ellos llaman Tutàn*”<sup>43</sup> empresta às cidades “*que ellos llaman Fui*”<sup>44</sup> que também encontramos no capítulo VII do livro II da *Década III*)<sup>45</sup>. A indicação sobre a presença de múltiplas pontes de pedra ou cal “*tan grandes, anchas y bien hechas, y de tanto gasto, que parescen obras romanas*”<sup>46</sup> quer-nos parecer uma adaptação do que Gaspar da Cruz escrevera a respeito dos arcos triunfais das cidades no capítulo VII do seu livro: se bem que tivesse sido Galote Pereira, e não Cruz, quem primeiro ensaiara a tese da genealogia romana a propósito das pontes chinesas, não faz muito sentido que este constituísse o único detalhe subtraído do referido *Tratado* de 1553-1565<sup>47</sup>.

A contabilidade que Valignano oferece das cidades e lugares chineses de “*1ª, 2ª e 3ª suerte*” aparece-nos próxima, mas não inteiramente coincidente, com o desvendar da realidade e da hierarquia urbana da China facultado ao longo do tempo por uma série de textos fundamentais: por exemplo, a *Enformação* de Amaro Pereira divulgada pelo padre Gago (1562)<sup>48</sup>; a carta macaense do padre Teixeira, autêntico relatório dos três anos que este missionário levava à época em Macau e arredores (1565)<sup>49</sup>; o parecer do *Consejo de Indias* que rejeitou as propostas de conquista dos Ming que lhe tinham sido submetidas por Diego Garcia de Palacios na década de 1570<sup>50</sup>; o que Martín de Rada anotara na sua *Relacion verdadera de las cosas del reyno de Taibin* (1575-1576)<sup>51</sup>; ou o que Miguel de Loarca inscrevera no capítulo II da segunda parte da sua *Verdadera relacion de las cosas del Reyno de China*, manuscrito de 1575)<sup>52</sup>.

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

As tabelas dos livros chineses que Valignano adquiriu ou conferiu para o efeito (quase sem dúvida com passagem obrigatória pelo conteúdo do *Guang Yutu* 广与图 [Ampliação do Mapa Terrestre] de Luo Hongxian 罗洪先 ou de outras obras baseadas em alguma ou em algumas das várias edições que este atlas conheceu a partir de 1555, quando foi impresso pela primeira vez) continuam a estar na base das discrepâncias, sendo que estas só parecem ser mais significativas quando se trata da “4ª maneira de poblaciones” – “las que ellos llaman Huy”<sup>53</sup>, uma estreia tipológica numa fonte ocidental ao lado dos já então conhecidos *fu* (lugares de 1.ª ordem), “cheu”<sup>54</sup> e “hien”<sup>55</sup> –, da 5.ª dos lugares de guarnições secundárias e do grupo dos sítios ainda menores que estes<sup>56</sup>. A soma dos habitantes do Império traduzida dos mesmos compêndios administrativos ou atlas locais torna a rondar, mas não encontra nenhuma das que já conhecemos de outros textos anteriores a este: “más de sesenta millones y doscientos y cinquenta y tantos mil [vizinhos]”, aponta-se agora<sup>57</sup>.

Vistas estas avaliações burocráticas, Valignano passa a entremear as que poderão ter sido algumas das suas próprias observações (ou as de um Matteo Ricci) com uma dependência não assumida, mas maioritária, do *Tractado das cousas da China* de Gaspar da Cruz a propósito da fertilidade, da abundância e do aproveitamento intensivo da terra. Voltam a não escapar máximas tantas vezes repetidas em descrições do género como as que referem a industriiosidade da gente, a ocupação dos desvalidos, as habilidades manuais, a proliferação de ofícios, a plena paz interna e o bom governo ou serem “los chinas de suyo más comedores que los nuestros de Europa”<sup>58</sup>. No entanto, do rol das produções agrícolas aos animais de consumo, passando pelo louvor da abundância de pescado de mar e rio ou por uma nota que explica que a incubação dos ovos de adens se processava “por industria de calor, sin se hazer las madres chuecas ni entender ellas en esso”<sup>59</sup>, é nítido que o modelo foi o texto do dominicano português. Até um sublinhado que frei Gaspar fizera à pobreza relativa dos pobres da China é aqui abordado num contexto idêntico ao do capítulo IX do *Tractado* de 1569-1570 onde ele podia ser lido:

“Y de todas estas cosas hay tanta abundancia, que valen todas muy baratas, tanto que excede mucho a todas las partes de Europa; porque la gente pobre, con no gastar cada día más que seys o ocho maravedís, come hasta hartar por la mañana y por la tarde”<sup>60</sup>.

Como era sina que o interior da China continuasse a estar nesta altura, simultaneamente, tão perto e tão longe, também na primeira parte da *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales* o inventário das riquezas minerais e dos produtos de exportação tem de se conformar com fórmulas vagas como a das grandes e ricas minas de prata, ouro cobre, ferro, chumbo ou estanho que haveria “en diversas partes” ou a da imensa quantidade de seda, damascos, tafetá, almíscar, azougue, cânfora, anil, vermelhão, ruibarbo, porcelana ou cangas que estavam disponíveis nos portos a troco de prata. Sem precisar de consultar os livros, o primeiro mercador ou feitor português que Valignano encontrasse em Malaca, Macau ou Nagasáqui dir-lhe-ia isso mesmo, já que estas eram evidências com décadas<sup>61</sup>.

Neste capítulo, o que Valignano acrescenta é uma nova avaliação dos rendimentos imperiais com base em tabelas sacadas de livros chineses (de novo, muito provavelmente o *Guang Yutu* ou qualquer obra daí derivada)<sup>62</sup>. Sabemos que Mendoza ensaiará idêntico exercício (*Historia de las cosas mas notables, ritos y costumbres del gran Reyno de la China*)<sup>63</sup>, tal como fora feito antes dele por Juan Bautista Román (carta a Ricci, enviada de Zhaoqing a 28 de Setembro de 1584)<sup>64</sup> e, antes de todos, por Martín de Rada (*Relacion verdadera de las cosas del reyno de Taibin*, 1575-1576)<sup>65</sup> e por Miguel de Loarca (no capítulo XI da segunda parte da sua *Verdadera relacion de la grandeza del Reyno de China*)<sup>66</sup>. Por outra parte, Ricci não só avançara pouco antes ao seu confrade Martino de Fornari com uma estimativa do género (Fevereiro de 1583)<sup>67</sup>, como insiste nesse exercício na missiva que enviou de Zhaoqing a Juan Bautista Román (13 de Setembro de 1584)<sup>68</sup>. Só que o visitante leu outros registos e os seus valores não batem certo nem com os dos espanhóis, nem com os que o italiano usara naqueles dois casos, apesar da conclusão mais ou menos consensual de que os tesouros das Cortes reais de Nanquim e Pequim excediam “toda fee y crédito humano”<sup>69</sup>. Assim, o máximo que se pode dizer é que surge apenas uma segunda frase de tom genérico a traír o que bem poderia ser o uso de uma conhecida passagem da *Década I* de João de Barros (liv. IX, cap. II), hipótese que a extrapolação africana que vai junto não anula: “... sin duda tiene este rey [da China] más renta él solo, que todos los reyes y señores de Europa, y por ventura aun de África juntos”<sup>70</sup>.

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

## UMA CHINA PLATÓNICA

O panorama da China política – figura, poder e quotidiano imperiais, estatuto do mandarinato e sistema repressivo – que preenche a maior parte do capítulo XXVII da *Historia del principio y progreso* é outro apartado temático servido de modo discreto, mas decisivo, pelos parágrafos terminados no final da década de 1560 por Gaspar da Cruz. Quase como este antigo missionário, Valignano exemplifica a capacidade militar do Império com as largas frotas de “*bancones y juncos*”<sup>71</sup> que os temíveis e obedecidos mandarins tinham o condão de mobilizar da noite para o dia. Exactamente como o padre Cruz, escreve sobre o tempo de sol a sol que era necessário fazer a cavalo para atravessar de ponta a ponta a cidade real de Pequim. Lembra ainda o confinamento do imperador aos muros dos seus palácios, o acesso reservado que a ele têm os eunucos e as mulheres<sup>72</sup>, as regras de acordo com as quais o mesmo casa e é sucedido pelo seu primogénito<sup>73</sup>, o exílio interno da demais parentela pago com todas as mordomias para prevenir disputas pelo trono<sup>74</sup>, a inexistência de uma nobreza de sangue, a concentração do poder nas mãos dos mandarins, a superioridade dos mandarins letrados sobre os mandarins soldados<sup>75</sup>, o limite de três anos para o exercício de qualquer género de mando<sup>76</sup>, a submissão ao sistema de exames como regra para acesso ao funcionalismo<sup>77</sup>, as aposentadorias dignas que esperam os seus membros no termo da carreira, os trajos vistosos dos oficiais, a pompa com que são transportados e as reverências que lhes eram devidas nas audiências públicas (cf. *Tractado das cousas da China*, caps. V, VIII-IX, XVI-XIX e XXII)<sup>78</sup>.

Que o autor da *Historia* de 1583 escolha escrever “mandarines” em vez de “louthias” – o que Ricci também faz, ainda que só depois de Fevereiro de 1583<sup>80</sup> – é uma das várias diferenças que se notam em relação ao texto do *Tractado* de 1569-1570 que não comprometem a dependência de que falamos. De igual modo, tal dependência não sai beliscada da série de acrescentos que, sempre a despeito da hipótese de também poderem ter sido sugeridos por Matteo Ricci, parecem da própria lavra do visitador. Por exemplo, este fala do recrutamento instantâneo de exércitos de pelo menos “*uno y dos millones de gente*”<sup>81</sup>, defende a ideia (que era de Galiote e de Ricci, mas não de Cruz) dos chineses serem “*gente flaca*”<sup>82</sup>, declara outra vez recorrer aos livros que se venderiam nas lojas de Cantão

quando completa a pintura de Pequim com pormenores sobre os seus muros, o traçado dos seus arruamentos ou a impressão do seu congestionamento humano, vislumbra 15 palácios reais na capital onde o “*rey*” se recreia, cada um deles em representação de uma província, compara a indumentária dos mandarins à dos venezianos (um paralelismo repetido pelo padre Ricci em 1584<sup>83</sup>), alude à figura de um tipo de ministros a “*que ellos llaman ùpos*”<sup>84</sup> e dá detalhes inéditos sobre o ritual quase galante dos açoitamentos que os mandarins de maior dignidade tinham a capacidade de infringir aos de menor estatuto<sup>85</sup>.

O espaço dedicado ao governo da China encerra com o alinhamento de cinco qualidades específicas das quais decorreria o “*grandíssimo ingenio y prudencia natural*” dos mandarins. Este é o momento em que, como afirmámos, a utilização directa ou indirecta, mas sempre não confessa, das considerações nucleares de frei Gaspar da Cruz é suspensa por forma a permitir o reencontro com a velha imagem de uma república platónica.

Por ordem, Valignano começa por destacar a qualidade despótica, mas esclarecida, do exercício da autoridade mandarínica. Depois, vê as semelhanças que um governo “*algún tanto cruel y fundado en puro temor servil*” ainda assim conseguia ter com “*una religión bien ordenada*”, dado o escrupuloso respeito pelas hierarquias que vigorava entre o povo e os mandarins, entre os mandarins e os governadores, entre os governadores e o conselho real e entre o conselho real e o rei<sup>86</sup> – “*de suerte que es como una respública bien ordenada, de la qual el rey es cabeça y príncipe, mas no haze sino lo que es conforme a sus leys, que con tanta consideración hizieron, governando con aprobación y parecer de su senado*”, conclui<sup>87</sup>. Em terceiro lugar, tenta demonstrar a grande diligência que era posta na boa execução das deliberações da Corte. De seguida, nota o cuidado extremo tido na conservação da paz, na vigilância cidadã e na interdição à entrada de estrangeiros (tópicos mais comuns ou menos sujeitos ao arranjo filosófico que os demais, mas que são actualizados por um par de notas de cunho pessoal sobre o estatuto dos portugueses em Macau). Enfim, torna a evocar a sabedoria da norma que força à dispersão dos filhos do senhor reinante, diz o mesmo daquela que constringe os mandarins a desempenhar os seus ofícios em províncias de onde não fossem naturais<sup>88</sup> e aprova a outra que proíbe o porte de armas<sup>89</sup>. Apenas neste quinto e último ponto se pode considerar que as páginas de frei Gaspar são retomadas

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

sem restrições ou derivas (cf. *Tractado das cousas da China*, caps. VIII, XIV e XVII)<sup>90</sup>.

Pelo meio, Alessandro Valignano tece alguns comentários sobre o sistema de ensino perto, ou muito perto, quer do que também podemos ler na *Enformação da chyna* coligida por Xavier c. 1548<sup>91</sup>, na *Enformação* integrada na carta goesa do padre Baltazar Gago de 10 de Dezembro de 1562<sup>92</sup>, na citada carta do padre Manuel Teixeira de 1565<sup>93</sup> ou no capítulo XXV da Parte IV da *Chronica do felicissimo Rei dom Emanuel de Damião de Góis* (Lisboa, 1567)<sup>94</sup>, quer do que está nas prosas de Ricci a Martino de Fornari (1583)<sup>95</sup> e a Juan Bautista Román (1584)<sup>96</sup>. É sua opinião que haveria a apoiar a realização dos exames compulsivos para o acesso às maiores dignidades e às funções de mando não apenas uma “*infinidad de estudios*” em quase todas as vilas e cidades, como também “*grandes universidades con grandissimo número de estudiantes, más que en nenguna otra parte del mundo*”<sup>97</sup>.

Quanto às matérias aprendidas, apesar das suas ciências serem algo imperfeitas e de se encontrarem num estádio semelhante àquele em que estavam entre os filósofos antigos “*antes que Aristóteles las ordenasse y se esclareciesen con la luz de la doctrina christiana*”, existiam provas de familiaridade com a filosofia natural e moral, a astrologia, as matemáticas, a medicina e “*otras diversas ciencias, specialmente de los caracteres y lengua mandarin, que es entre los chinas como latín entre nosotros*”<sup>98</sup>. Num país notabilizado por ter tantos ou mais livros que a Europa e uma multidão de livrarias espalhadas pelas cidades, também era comum a aprendizagem das leis e modo de governo e a edição de livros de história e de verso, tal como sobre minas, mercadorias, animais, frutas, ervas “*y otras mil diversidades*”<sup>99</sup>. Nesta nota particular sobre uma actividade editorial diversificada imaginamos bem Valignano, ou alguém por ele, a repetir a experiência que Martín de Rada vivera poucos anos antes, quando batera as tendas e os lojistas de “Auchoe” (i.e. Fuzhou, no Fujian) tendo em vista reunir a notável colecção de mais de 100 livros de que González de Mendoza dará conta no capítulo XVII do livro III da Parte I da sua *Historia de las cosas mas notables, ritos y costumbres del gran Reyno de la China*.

## A PARTE PERVERSA

Se até aqui ainda não perpassara nenhum juízo ostensivamente negativo a respeito do mundo chinês – e, desejando-o, Valignano ou a sua fonte ricciana já

poderiam ter retirado do próprio Gaspar da Cruz vários motivos dessa ordem –, o visitador entra no capítulo XXVIII desta *Historia* apostado em seriar os “*muchos desórdenes y muy graves*” que lá aconteceriam: conforme o jeito simplista da escola que era a sua, depois de ter dissertado sobre as “*qualidades maravillosas y muy nobles*” do reino, era chegada a hora de equilibrar o retrato com a enumeração dos supostos males e vícios em que o seu povo vivia mergulhado. O texto de frei Gaspar não será abandonado em definitivo, mas não só se lhe continuarão a intercalar pormenores que nada têm a ver com ele, como seguirá sendo adaptado e contrariado sempre que novas provas o justifiquem ou, tão-só, quando isso se torna indispensável para assegurar a coerência formal do conjunto.

Assim – e tal como no *Tractado das cousas da China* –, Alessandro Valignano não cala os abusos dos funcionários e a corrupção que grassava entre muitos deles apesar do controlo exercido em nome do imperador pelos “*chaens*”<sup>100</sup>: os mandarins praticam “*muchas injusticias y tiranías*” e “*casi todo se haze por dádivas, sobornando los unos a los otros*”, como chega a sublinhar<sup>101</sup>. No entanto, juntando os efeitos desses vícios com os de uma tributação pesadíssima, acrescenta a propósito algo que Gaspar da Cruz não escrevera:

“*aunque la China es tan rica y abundante, hay mucha pobreza y miseria, especialmente entre los labradores y demás gente baxa que mora por las aldeas*”<sup>102</sup>.

Outra das “*desórdenes*” dizia respeito à índole desclassificada do povo, algo antes indiciado quando Valignano qualificara os soldados como gente débil. Havia excepções à regra, caso dos homens valentes, grandes cavaleiros e melhores frecheiros que asseguravam as defesas do Império frente aos tártaros. Além disso, havia a esperança de alguma desta fraqueza poder ser corrigida se se impusesse um treino continuado,

“*porque es gente de tierra fría, blancos y bien dispuestos, que comen muy bien, y, como está dicho, son de buen ingenio y destros de manos*”<sup>103</sup>.

Contudo, o diagnóstico é dos menos simpáticos e recorda em muito a *Relación* que o antes citado Juan Bautista Román, feitor da Fazenda real em Manila, enviou de Macau a 28 de Setembro de 1584 tendo em mente ganhar a concordância de Filipe II de Espanha para a conquista da China – ou, no mínimo, dos seus lugares marítimos, províncias adjacentes e todo o mar do Sul do Arquipélago<sup>104</sup>. Recorda também os termos pejorativos com que Matteo Ricci se refere aos atributos

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

bélicos e a alguns dos hábitos íntimos dos chineses na sua carta a Román de 13 de Setembro de 1584<sup>105</sup>. Duas coincidências que ajudam a entender o contexto em que Alessandro Valignano se move, se bem que tenhamos por adquirido que nem Ricci, nem ele foram partidários das teses militaristas do feitor espanhol<sup>106</sup>. Sem segundas intenções, o que Valignano pensava era isto:

*“... como ellos [chineses] tienen tan poco uso de las armas, y son todos criados con aquel temor debaxo de los açotes, son tan baxos de ánimo, que parecen que no tienen corazón, que más parecen mugeres que hombres: y assí la gente de la China es una de las más flacas gentes de quantas hay en este Oriente, porque no parece que tienen manos ni ánimo para pelear, y un solo japon se atreve a tomar contra cinquenta y cient chinas”*<sup>107</sup>.

Sempre segundo Valignano, o lado sombrio do chinês era acrescentado pela muita crueldade e desumanidade de que os seus habitantes davam provas. Para isso não só concorreria o estado de puro terror que os mandarins impunham à existência em sociedade, mas também a condição natural do povo e os decretos que interditavam os contactos com o mundo exterior. Tornando a ensaiar um juízo distinto e mais penalizador do que qualquer um dos de Gaspar da Cruz, considera a “*gente común y baxa*” como “*la más mala que hay en el mundo, porque son notablemente enteresales y amigos de dinero, y por ganar alguna cosa se pornán a qualquier peligro y harán toda maldad*”<sup>108</sup>. Ladrões, traidores, trapaceiros, descortesos, malcriados com os estrangeiros e capazes de “*muchas torpezas y pecados enormes*” – à cabeça dos quais tinha de vir o “*pecado nefando*” (homossexualidade) que já escandalizara outros observadores como Galote Pereira ou Gaspar da Cruz<sup>109</sup> – são outras das perversidades que lhes assaca, a generalidade das quais, em última análise, explica com a circunstância de serem pagãos. Mais apegado à retórica que nunca, conclui:

*“Y no es maravilla que siendo gentiles tengan estas y otras maldades, pues no aprenden otras cosas de sus leyes malas y mentirosas; pero muchos de los que se hazen christianos salen muy buenos y devotos, que parece que saldrian todos comúnmente tales si entrasse en ellos la luz de nuestra sancta verdad”*<sup>110</sup>.

Assinale-se que entre isto e a avaliação dos costumes nipónicos que Valignano deixa pela mesma altura no *Sumario de las Cosas de Japon* quase não há diferenças. A única será que no capítulo II desta segunda

obra o autor juntou o contributo pernicioso dos bonzos, a pobreza reinante e as contínuas guerras aos defeitos comuns a todos os povos não-cristãos para explicar o porquê dos “japões” desvirtuarem a prudência e a razão que lhes eram inatas com uma inclinação aberrante para os vícios e pecados da carne, para desrespeitarem os seus senhores, para a mentira, a duplicidade e a velhacaria, para serem cruéis e matarem sem dificuldade, assim como para se entregarem durante noites inteiras à bebida, aos festins e aos banquetes<sup>111</sup>.

O padre Valignano concede-se uma trégua na listagem dos costumes que mais lhe doíam nos chineses para notar a maravilha rara que constituía alguém poder avistar uma mulher nas cidades da China, de tal modo era observado o estranho hábito da sua reclusão entre as quatro paredes das casas e o ainda mais estranho de lhes enfaixarem os pés desde pequenas para que estes não crescessem. Visivelmente, tornava a empregar o texto de frei Gaspar da Cruz ou a desaparecida minuta de Matteo Ricci que é de admitir que, no mínimo, o corroborasse num ou noutro destes dois pontos<sup>112</sup>. Se o parágrafo seguinte, sobre penteados, vestidos e calçado, já não concorda de novo com a descrição do dominicano português, nem por isso acrescenta qualquer motivo saliente ao que há muito corria na prosa especializada (cf. *Tractado das cousas da China*, cap. XV)<sup>113</sup>. Com isto, chega à matéria da “*religión y sectas que ellos tienen*”, corolário natural deste tipo de sínteses e tema dos que mais ganhou com o conhecimento de causa que a sua estada no Japão lhe trouxe.

## ANTEVISÃO DO CONFUCIONISMO

Quatro aspectos merecem destaque neste ponto respeitante aos ritos ou às formas de espiritualidade chinesas integrado entre as páginas da *Historia Indica* de Alessandro Valignano. Em primeiro lugar, o visitante apercebe-se da influência dominante dos seguidores de Xaca (Buda) e da passagem deste culto da China para o arquipélago nipónico<sup>114</sup>. Sabemos que, desde a *Emformação da ilha de Japão* assinada por Francisco Xavier e incluída no *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão* coligido pelo governador Garcia de Sá por volta de 1548 (cap. XVII), estas duas referências corriam juntas nas principais fontes ocidentais consagradas à China, pelo menos em manuscrito<sup>115</sup>.

Em segundo lugar, Valignano identifica muitos bonzos “*que viven vida recogida como hermitaños en el*

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

*hiermo, y hazen muchas penitencias y abstinencias, y son tenidos de los chinas por hombres de muy sancta vida*<sup>116</sup>. O padre Manuel Teixeira, na carta que enviara de Macau no final de 1565, referira-se de modo muito semelhante não apenas aos sacerdotes budistas, como também aos taoístas<sup>117</sup>. Terceiro: tal qual Gaspar da Cruz, por exemplo, o jesuíta italiano confia na desconfiança que os chineses demonstravam pelos seus ídolos, injuriando-os e açoitando-os quando as cerimónias e as reverências que lhes faziam se revelavam ineficazes (cf. *Tractado das cousas da China*, cap. XXVII). Em quarto lugar – e aqui estava a principal novidade, provavelmente trazida por Ricci –, visualiza “*las escuelas y doctrina de unos sus filósofos antigos, que trataron de las virtudes morales y del buen gobierno, que no la religión del pueblo común*”<sup>118</sup>. Minoritária e estimada pelos mandarins, como acrescenta, era da doutrina de Confúcio que falava<sup>119</sup>.

A permanente comparação que Valignano faz entre os cultos vigentes na China e no Japão estende-a de modo a perceber a diferença que existia entre a menoridade social dos respectivos agentes nas terras dos Ming e a incómoda autoridade e poder de que os mesmos desfrutavam nas ilhas do Sol Nascente. Este exercício de correspondências prossegue a propósito da “língua franca” representada pelos caracteres chineses. No caso, um desentendimento forçado pela falta de conhecimento da cultura em causa leva-o a tomar o dialecto mandarim por uma língua distinta do chinês escrito<sup>120</sup>. Contudo, tal não o impede de explicar com todas as letras de que forma o programado domínio da língua da corte pelos missionários iria constituir um instrumento inestimável para que se procedesse à conversão do Império<sup>121</sup>. De acordo com a receita aprendida no Japão, chegando-se onde está “*todo el poder y mando*”<sup>122</sup> – ou, numa expressão ainda mais feliz, tomando “*el agua desde el rey*”<sup>123</sup> –, ter-se-ia decerto um fruto muito maior do que com todas as demais nações do Oriente. Depois, nada haveria a temer porquanto “*ni nuestra ley es contraria al estado y grandeza de los mandarines ni a su gobierno, mas antes se conforma con él; porque, a la verdad, la mayor parte de sus leyes son muy buenas y fundadas en razón*”<sup>124</sup>. Enfim, a paz universal que havia entre os “chins”, as suas inúmeras e enormes cidades e povoações, bem como a muita riqueza do rei e da terra obrariam o resto, ajudando à rápida aprendizagem do Evangelho. Não sendo muito difícil perceber porquê, para o efeito até o grande recolhimento das mulheres lhe parecia uma oportuna dádiva de Deus<sup>125</sup>.

Se é verdade que os jesuítas vinham demonstrando desde a década de 1540 uma preocupação constante em encontrar analogias entre a moral dos “chins” e a moral cristã, também é certo que, ao entrever Confúcio e a hegemonia doutrinária e política dos confucionistas, Valignano acabara aqui de ir um pouco além em relação a tudo o que fora visto e escrito antes. Para se aferir da importância que os capítulos chineses da sua *Historia Indica* representam para o princípio e progresso do moderno conhecimento europeu sobre a China bastará recordar que, para um tema tão fundamental como este da moral e dos costumes chineses, haveria que esperar pelo *De Missione Legatorum Japonensium ad Romanam curiam* para se descobrir o primeiro impresso assinado por europeus onde se identificavam as “cinco virtudes” da tradição confuciana: a “cortesia, a piedade, a grata recordação dos benefícios recebidos, a boa fé ao contrair negócios e a prudência em os concluir”, usando as palavras aí escolhidas para as nomear<sup>126</sup>.

Como é sabido, este diálogo latino foi escrito pelo padre Duarte de Sande em parceria com o mesmo Alessandro Valignano, tendo sido impresso em Macau em 1590<sup>127</sup>. No respectivo colóquio XXXIII, os dois autores também reclamam a consulta de “livros chineses”, desta feita de modo a explicarem que a urbanidade ou cortesia se dividia em dois tipos principais, “um que se observa entre iguais, e outro entre desiguais”. Como logo acrescentam, os trechos de tais livros consagrados à piedade filial determinavam igualmente que, no caso do próprio imperador não respeitar o luto de um único dos seus súbditos, “seria considerado violador das leis e dos costumes chineses”<sup>128</sup>.

A partir daqui, os jesuítas não mais deixariam de explorar as possibilidades dos pregões de tonalidade estoica oferecidos por este tipo de literatura, conforme se descobre naquela carta em que Matteo Ricci, volvidos apenas cerca de três anos sobre a impressão do *Dialogus* de Sande e Valignano, explica ao geral Acquaviva que o mestre Confúcio lhe parecia um outro Séneca e que os *Clássicos* comentados por ele eram “*buoni documenti morali*”<sup>129</sup>. Vendo em retrospectiva, com isto já se adivinhavam as consequências mais decisivas da reflexão pioneira sobre a moral confucionista oferecida por Valignano na sua *Historia del principio y progreso* de 1583: não faltaria muito tempo até que os servos de Jesus destacados para a China dessem por concluído o estudo que os fez compenetrar-se em pleno dos valores éticos em relação ao Estado e à família salvaguardados

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

pela doutrina de Confúcio; e faltava apenas um pouco mais até que decidissem pôr termo à cuidada reflexão que vinham fazendo sobre o estatuto social dos diferentes cultos e, num calculadíssimo gesto de propaganda, levassem ao limite o processo de

aculturação à realidade específica que tinham pela frente ao arriscarem aparecer em público usando a barba longa e as vestes de seda púrpura dos mandarins. Era um novo capítulo da longa história das relações entre Ocidente e Oriente que começava. **RC**

## NOTAS

- 1 Ver Alessandro Valignano, S. J., *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales (1542-64)*, Parte I, "Proêmio", pp. 1-2.
- 2 Ver Francisco Roque de Oliveira, *A Construção do Conhecimento Europeu sobre a China, c. 1500-c. 1630. Impressos e Manuscritos que Revelaram o Mundo Chinês à Europa Culta*, pp. 581-583 e 916-917.
- 3 *Ibidem*, pp. 590-599.
- 4 Ver Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, "Proêmio", pp. 1-2.
- 5 Ver Donald F. Lach, *Asia in the Making of Europe*, vol. 1, bk. 1, p. 324.
- 6 Carlos Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, vol. 1, col. 637; *ibidem*, vol. 5, cols. 294-295.
- 7 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, "Proêmio", pp. 2-3.
- 8 Ver Donald F. Lach, *Asia...*, vol. 1, bk. 1, pp. 256-257.
- 9 Ver, *inter alia*, Jonathan D. Spence, *O Palácio da Memória de Matteo Ricci*, pp. 57-59; Andrew C. Ross, *A Vision Betrayed. The Jesuits in Japan and China, 1542-1742*, pp. 42-43; Dauril Alden, *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond, 1540-1750*, p. 56.
- 10 Ver J. Wicki, "Einführung zur Indischen Geschichte Valignanos", pp. 76\*-77\*; G. Schurhammer, *Francisco Javier. Su vida y su tiempo*, vol. 3, pp. 599-600.
- 11 Ver carta do Pe. Matteo Ricci ao Pe. Claudio Acquaviva em Roma, Zhaoqing, 20 de Outubro de 1585, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche del P. Matteo Ricci*, vol. 2, p. 60; carta do Pe. Matteo Ricci ao Pe. Giulio Fuligatti, Nanchang, 12 de Outubro de 1596, in *ibidem*, p. 217; Jean Lacouture, *Jésuites. Une multibiographie*, vol. 1, pp. 254-256; Andrew C. Ross, *A Vision Betrayed...*, p. 122.
- 12 Ver, *inter alia*, Josef Franz Schütte, *Valignano's Mission Principles for Japan*, vol. 1, Part II, pp. 314-315.
- 13 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, p. 215.
- 14 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVI, p. 216.
- 15 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVI, p. 218.
- 16 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVII, p. 240.
- 17 Carta do Pe. Matteo Ricci ao Pe. Martino de Fornari, Macau, 13 de Fevereiro de 1583, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 30. Ver *ibidem*, p. 30, n. 4.
- 18 Ver Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, pp. 617-640; Francisco Roque de Oliveira, *A Construção do Conhecimento Europeu...*, pp. 793-812.
- 19 Para se aferir desta possibilidade, o melhor indicador de que dispomos é o texto da carta que Matteo Ricci escreveu em Zhaoqing para Juan Bautista Román, a 13 de Setembro de 1584. Lendo-a com cuidado, destacam-se, pelo menos, duas situações para as quais não é descartável que tenha sido empregue o retrato composto por Gaspar da Cruz. Em primeiro lugar, quando se alega que na China se chegam a realizar três colheitas agrícolas por ano. Em segundo lugar, quando além de se comparar a multidão de embarcações que aportavam em Cantão com as que afluíam às feiras de Veneza, se compara o mesmo afluxo com o que demandava as feiras de Lisboa (no seu *Tractado*, frei Gaspar tecera paralelismos entre a capital cantonesa e a capital portuguesa a pretexto do tamanho das respectivas cercas). À parte isto, as descrições dos cortejos públicos dos mandarins e das inspeções trienais do funcionário chinês dito "chaem" (chinês *chayuan*) dadas por Ricci naquela carta também lembram muito as descrições do dominicano português. Ver carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, pp. 40-41, 44 e 46-47. Cf. Fr. Gaspar da Cruz, O. P., *Tractado das cousas da China*, caps. VI, XII, XVII e XIX.
- 20 Ver Anónimo, "Enformação da chyna", in *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*, pp. 113-117.
- 21 Ver João Afonso, *La Cosmographie avec l'espère et régime du soleil et du nord par Jean Fonteneau dit Affonse de Saitonge Capitaine-pilote de François I<sup>er</sup>*, pp. 402-404.
- 22 Ver D. Jerónimo Osório, *De Gloria libri V*, pp. 174-179; Francisco Roque de Oliveira, *A Construção do Conhecimento Europeu...*, pp. 460-463, 477-481 e 489-492.
- 23 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XII, p. 85.
- 24 *Ibidem*, Parte I, cap. XII, pp. 87, 88 e 89.
- 25 Carta do Pe. Francisco Xavier ao Pe. Gaspar Barzeu, Malaca, 16 de Julho de 1552, pub. in G. Schurhammer & J. Wicki (eds.), *Epistolae S. Francisci Xaverii aliaque eius scripta*, vol. 2, pp. 466-468. Ver Francisco Roque de Oliveira, *A Construção do Conhecimento Europeu...*, pp. 607-608.
- 26 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXV, p. 207.
- 27 *Ibidem*, Parte I, cap. XXIV, pp. 206-207.
- 28 *Ibidem*, Parte I, cap. XXV, p. 210. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXV, pp. 207-214. Cf. carta do Irmão Aires Brandão aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra, Goa, 23 de Dezembro de 1554, in J. Wicki (ed.), *Documenta Indica*, vol. 3, pp. 172 e 177; carta do Pe. Melchior Nunes Barreto para o Pe. Inácio de Loyola, escrita entre Goa e Cochim, Maio de 1554, in *ibidem*, p. 74; carta do Pe. Melchior Nunes Barreto para o Pe. Inácio de Loyola, Malaca, 3 de Dezembro de 1554, in *ibidem*, p. 121.
- 29 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXIX, cit. p. 260. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXIX, pp. 257-264; G. Schurhammer, "Die Muttersprache des hl. Franz Xaver", in G. Schurhammer, *Xaveriana*, pp. 351-352, "Xaveriusforschung im 16. Jahrhundert", in *ibidem*, p. 100; Fernando Calapez Corrêa, "Vicente Pereira Sarmiento, um português que assistiu à morte de São Francisco Xavier", pp. 360-361. No 15.º capítulo da segunda parte da *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales* narrar-se-á a embaixada de Gil de Góis à China (1563). O nome do embaixador não aparece referenciado, mas, em compensação, catalogam-se os dos jesuítas Francisco Pérez, Manuel Teixeira e André Pinto. Ver Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte II, cap. XV, pp. 442-444.
- 30 Cf. Pe. Matteo Ricci, S. J., *Storia dell'Introduzione del Cristianesimo in Cina*, libro I, cap. VIII, p. 88.

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

- 31 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, p. 215;
- 32 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, p. 251.
- 33 Ver *Ibidem*, Parte I, cap. XXVI, pp. 214-215.
- 34 Alessandro Valignano, S. J., *Sumario de las Cosas que pertenecen a la Provincia de Japon y al gobierno della* (Cochim, 28 de Outubro de 1583), Mss. Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), *Jap. Sin.*, fls. 258-321; Biblioteca da Ajuda, Lisboa, *Jesuitas na Ásia*, 49-IV-56, fls. 55r.-114v.; British Museum, Londres, Add. Mss. 9852, fls. 38r.-68v. Ver José Maria Braga, *Jesuitas na Ásia*, pp. 67-70.
- 35 Alessandro Valignano, S. J., *Adiciones* (ao *Sumario de las Cosas que pertenecen a la Provincia de Japon...*), Mss. ARSI, *Jap. Sin.*, 49, fls. 323r.-385r.; Biblioteca da Ajuda, Lisboa, *Jesuitas na Ásia*, 49-IV-56, fls. 116r.-145v. Ver José Maria Braga, *Jesuitas na Ásia*, p. 70; Edward J. Malatesta, “Alessandro Valignano, Fan Li-an (1539-1606). Estratégia da Missão Jesuíta na China”, p. 64, n. 6.
- 36 Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. II, p. 12.
- 37 Cf. *ibidem*, livro I, cap. II, pp. 12-13.
- 38 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, p. 216.
- 39 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVI, p. 217.
- 40 Ver Juan González de Mendoza, O. S. A., *Historia del gran Reyno de la China*, Parte I, libro III, cap. IX, fl. 66r.; Francisco Roque de Oliveira, *A Construção do Conhecimento Europeu...*, pp. 875-876.
- 41 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, p. 217. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVI, pp. 215-217. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. II, pp. 14-15.
- 42 Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. III, p. 20.
- 43 “Tutão” nas fontes portuguesas; do chinês *dutang* 都堂, vice-rei ou governador-geral de uma província.
- 44 Do chinês *fu* 府, prefeitura.
- 45 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, p. 218. Ver *idem*, *ibidem*, Parte I, cap. XXVI, pp. 217-218 e 226-227. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. II, p. 15.
- 46 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, p. 227.
- 47 Ver Galiete Pereira, *Algumas cousas sabidas da China...*, p. 109; Gaspar da Cruz, *Tractado...*, cap. VII, p. 811.
- 48 Ver Amaro Pereira & Baltasar Gago, *Enformação da China*, p. 89.
- 49 Ver carta do Pe. Manuel Teixeira aos jesuítas da Europa, Macau, 1 de Dezembro de 1565, in Benjamim Videira Pires, “Cartas dos Fundadores”, p. 787.
- 50 Ver Léon Bourdon, “Un project d’invasion de la Chine”, pp. 100-101.
- 51 Ver Martín de Rada, O. S. A., *Relacion verdadera de las cosas del reyno de Taibin, por otro nombre China...*, pp. 267-268.
- 52 Ver Miguel de Loarca, *Verdadera relacion de la grandeça del Reyno de China...*, fls. 139r.-139v.
- 53 Do chinês *wei* 卫, posto militar.
- 54 Do chinês *zhou* 州, subprefeitura.
- 55 Do chinês *xian* 县, distrito.
- 56 Esta contabilidade dos lugares de 1.<sup>a</sup> a 5.<sup>a</sup> ordem coincide por inteiro com o que se lê na edição de 1566 do *Guang Yutu* de Luo Hongxian. Ver Luciano Petech, “La fonte cinese delle carte del Ruggieri”, p. 43.
- 57 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, pp. 218, 219 e 220. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVI, pp. 218-220. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. II, p. 15.
- 58 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, p. 220.
- 59 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVI, p. 221.
- 60 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVI, p. 222. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVI, pp. 220-222 e 227-228. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. III, pp. 17-21 e 24-25, nrs. 26-29.
- 61 Ver Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVI, pp. 222-223. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. III, pp. 20-23.
- 62 Ver Charles R. Boxer, *South China in the Sixteenth Century. Being the Narratives of Galeote Pereira, Fr. Gaspar da Cruz O. P., Fr. Martín de Rada, O. E. S. A. (1550-1575)*, n. 4, pp. 268-269.
- 63 Ver Juan González de Mendoza, *Historia de las cosas mas notables, ritos y costumbres del gran Reyno de la China*, Parte I, libro III, cap. IV.
- 64 Ver Juan Bautista Román, *Relación de Juan Baptista Roman factor de las islas Philipinas en Macan*, p. 106.
- 65 Ver Martín de Rada, *Relacion verdadera de las cosas del reyno de Taibin, por otro nombre China...*, pp. 277-278.
- 66 Ver Miguel de Loarca, *Verdadera relacion de la grandeça del Reyno de China...*, fl. 150v.
- 67 Ver carta do Pe. Matteo Ricci ao Pe. Martino de Fornari, Macau, 13 de Fevereiro de 1583, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 30.
- 68 Ver carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 43.
- 69 Alessandro Valignano, *Historia...* Parte I, cap. XXVI, p. 225.
- 70 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVI, p. 223. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVI, pp. 223-225. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. VI, pp. 56-57.
- 71 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVII, p. 229. Bancão, do malaio *vankan*, embarcação movida a remos, mais pequena do que o junco.
- 72 Cf. Matteo Ricci, *Storia...* livro I, cap. IX, pp. 99-100.
- 73 Cf. *ibidem*, livro I, cap. VII, p. 86.
- 74 Cf. carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 45.
- 75 Cf. *ibidem*, p. 46.
- 76 Cf. *ibidem*, p. 46; Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. VI, pp. 65-66.
- 77 Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, livro I, cap. V, pp. 44-50.
- 78 Ver Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVII, pp. 229-238. Cf. carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, pp. 46-47.
- 79 Loutiá, do chinês *laodie* 老爹, “venerável pai”.
- 80 Ver carta do Pe. Matteo Ricci ao Pe. Martino de Fornari, Macau, 13 de Fevereiro de 1583, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, pp. 29-30; carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi, *ibidem*, p. 46.
- 81 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVII, p. 229.
- 82 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVII, cit. p. 229. Cf. Galiete Pereira, *Algumas cousas sabidas da China...*, p. 118; carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, pub. in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, pp. 47-48.
- 83 Ver carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, pp. 42-43.
- 84 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVII, p. 235. Que recordemos, só na segunda parte dos chamados *Comentarios* de João de Escobar (Novembro de 1564) e na carta que o mesmo Escobar endereçara ao padre Manuel Teixeira desde Cantão a 22 de Novembro de 1565 surgem alusões ao *hu-pu* 虎捕, sinónimo de inspector policial ou beleguim. (1) Para o primeiro caso: “... apos estes [parte do cortejo de um mandarim] hião muitos upos *que* são ministros da Justiça com bambus mui larguos *que* são canas de palmo de grusura partidas pelo meo com que azoutão e emgecutão sua Justiça” – João de Escobar, *Segunda parte dos Comentarios de Joam d’escouar*, cap. 8, fl. 56v.; transcr. in Rui Manuel Loureiro, *A China na Cultura Portuguesa do Século XVI*, p. 1439. (2) Na referida carta ao padre Teixeira: “... Chegando ao paço publico todos os Portuguezes entraram por sua ordem pacificamente [pelo meio] dos ministros Vpus [e] home’s darmas que estauão em suas estancias como V. R. ia ca ueria” – Carta de João de Escobar ao Pe. Manuel Teixeira, Cantão, 22 de Novembro de 1565, in Benjamim Videira Pires, “Cartas dos Fundadores”, p. 780. (3) Na *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto incluía no cortejo

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

- ordinário do “Chaem dos trinta & dous estudos” mais de “quatrocentos vpos cõ grande soma de cadeas de ferro muyto compridas que vão arrojando pelo chão, com hũ a desordem & hum estrondo tão medonho que fazẽ tremer as carnes a toda a pessoa” – Fernão Mendes Pinto, *Peregrinaçam*, cap. CVI, fl. 124v. Ver também *Em Busca das Origens de Macau*, p. 210.
- 85 Ver Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVII, pp. 230-232 e 234-236. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, libro I, cap. IX, p. 100.
- 86 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVII, p. 240.
- 87 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVII, p. 241.
- 88 Cf. carta do Pe. Matteo Ricci ao Pe. Giulio Fuligatti, em Siena, Zhaoqing, 24 de Novembro de 1585, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, pp. 69-70.
- 89 Cf. carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 48.
- 90 Ver Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVII, pp. 238-244.
- 91 Ver Anónimo, “Enformação da chyna”, in *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*, pp. 113-114.
- 92 Ver Amaro Pereira & Baltasar Gago, *Enformação da China*, p. 92.
- 93 Ver carta do Pe. Manuel Teixeira aos jesuítas da Europa, Macau, 1 de Dezembro de 1565, in Benjamim Videira Pires, “Cartas dos Fundadores”, pp. 789-791.
- 94 Ver Damião de Góis, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, Parte IV, cap. XXV, p. 66.
- 95 Ver carta do Pe. Matteo Ricci ao Pe. Martino de Fornari, Macau, 13 de Fevereiro de 1583, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 30.
- 96 Ver carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 45. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, libro I, cap. V, pp. 39-44.
- 97 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVII, p. 239.
- 98 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVII, p. 239.
- 99 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVII, p. 240. Ver idem, *ibidem*, Parte I, cap. XXVII, pp. 238-240.
- 100 “Chaem”, do chinês *chayuan* 察員, censor que assumia as funções de comissário imperial itinerante.
- 101 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, pp. 245-246.
- 102 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, p. 246. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, pp. 245-246 e 249.
- 103 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, p. 247.
- 104 Ver Juan Bautista Román, *Relación...*, pp. 104-106.
- 105 Ver carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, pp. 47-48.
- 106 Para um comentário ao trecho da carta de Matteo Ricci a Juan Bautista Román que se reporta à avaliação das capacidades guerreiras dos chineses, ver Jonathan D. Spence, *O Palácio da Memória*, pp. 60-61.
- 107 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, cit. p. 246. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, pp. 246-247. Cf. carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 48.
- 108 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, p. 248.
- 109 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, p. 250. Cf. Galiete Pereira, *Algumas cousas sabidas da China...*, p. 110; Gaspar da Cruz, *Tractado...*, cap. XXIX, pp. 884-885.
- 110 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, pp. 248-249. Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, pp. 248-252. Cf. Matteo Ricci, *Storia...*, libro I, cap. IX, pp. 102-103.
- 111 Ver Pe. Alessandro Valignano, S. J., *Sumario de las Cosas que pertenecen a la Provincia de Japon*, 1583, cap. II, in A. Valignano, S. J., *Les jesuites au Japon*, pp. 69-74.
- 112 Cf. carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 43.
- 113 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, pp. 250-251. Cf. carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, p. 48.
- 114 “Xaca”, equivalente de Shaka (Shákya), o nome japonês de Sakyamuni ou Buda Gautama. Ver Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, vol. 1, pp. 421 e 519.
- 115 Ver “Emformação da ilha de Japão”, in *Livro que trata das cousas da Índia e do Japão*, p. 93.
- 116 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, p. 253.
- 117 Nessa carta, o padre Manuel Teixeira descrevera “duas maneiras de sacerdotes” chineses. Uns, “todos rapados, barbas e cabeças”, traziam “nelas [cabeças] uma maneira de mitras cortadas e quadradas”. Sobre estes aprendeu que tinham tido a sua origem “de estrangeiros de outro Reino, que à China vieram ter” (alusão imediata aos sacerdotes budistas). Sobre os outros, “com cabelo e barba e com barretes comuns”, explicou que viviam, tal como os primeiros, recolhidos nas suas varelas ou templos de ídolos, nada mais fazendo que idolatrar e rezar, ainda que lhe parecessem antes ser naturais do país (alusão não menos imediata aos sacerdotes taoístas) – Ver carta do Pe. Manuel Teixeira aos jesuítas da Europa, Macau, 1 de Dezembro de 1565, in Benjamim Videira Pires, “Cartas dos Fundadores”, pp. 793-794.
- 118 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, p. 253.
- 119 Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, pp. 252-254. Cf. carta do Pe. Matteo Ricci a Juan Bautista Román, Zhaoqing, 13 de Setembro de 1584, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche...*, pp. 48-49.
- 120 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, p. 254.
- 121 Na versão de 1579-1580 do *Sumario de las cosas que pertenecen a la Provincia de la India Oriental* já esta reflexão sobre a importância capital da aprendizagem da língua chinesa viera expressa assim: “No sé que modo podremos tener para entrar con esta gente, mas para todo lo que pudese soceder fuera cosa muy acertada que algunos de los nuestros aprendesen la lengua mandarin aun que es tan dificultosa y tiene tan pocas ayudas que seria menester gastar mucho tiempo y trabajo y aun no sé se algun podia salir con ella especialmente en el puerto de Machao que es lugar de portugueses. [...] Ya dos padres de los nuestros [um dos quais seria Michele Ruggieri] estan aqui aprendiendo esta lengua y hazen en ella muy grande progreso y se puede esperar que no será de balde su trabajo y no tienen otra cosa que hazer sino aprendiendo esta lengua y para eso dexei maestros y casa alguno tanto apartado de los otros con todas las mas commodidades que son necesarias para eso” – Pe. Alessandro Valignano, S. J., *Sumario de las cosas que pertenecen a la Provincia de la India Oriental*, Ms. Biblioteca Pública de Évora, CXV-2-7, 18, fls. 169v.-170r.; transcr. in Pe. António de Gouvea, S. J., *Asia Extrema*, vol. 2, pp. 469-470.
- 122 Alessandro Valignano, *Historia...*, Parte I, cap. XXVIII, p. 254.
- 123 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, p. 256.
- 124 *Ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, p. 255.
- 125 Ver *ibidem*, Parte I, cap. XXVIII, pp. 254-256.
- 126 [Pe. Alessandro Valignano, S. J. &] Pe. Duarte de Sande, S. J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, col. XXXIII, p. 340.
- 127 Ver Francisco Roque de Oliveira, *A Construção do Conhecimento Europeu...*, pp. 996-1001.
- 128 [Alessandro Valignano, S. J. &] Duarte de Sande, *Diálogo ...*, p. 340.
- 129 Carta do Pe. Matteo Ricci ao geral Claudio Acquaviva em Roma, Shaozhou, 10 de Dezembro de 1593, in Pietro Tacchi Venturi (ed.), *Opere Storiche*, p. 117.
- 130 Ver, *inter alia*, Jonathan D. Spence, *O Palácio da Memória*, pp. 129-133; Jacques Gernet, *Le Monde Chinois*, pp. 384-385; Jacques Gernet, *Chine et christianisme*, pp. 191-198; Jacques Gernet, *L'intelligence de la Chine*, pp. 224-226; Haun Saussy, *The Problem of a Chinese Aesthetic*, pp. 36-37; Horácio Peixoto de Araújo, *Os Jesuítas no Império da China*, pp. 210-218.

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

## BIBLIOGRAFIA

- Afonso, João, *La Cosmographie avec l'espère et régime du soleil et du nord par Jean Fonteneau dit Affonse de Saitonge Capitaine-pilote de François Ier* [c. 1544], publiée et annotée par Georges Musset, Paris, Ernest Letroux, 1904.
- Alden, Dauril, *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond, 1540-1750*, Stanford, Califórnia, Stanford University Press, 1996.
- Araújo, Horácio Peixoto de, *Os Jesuítas no Império da China. O Primeiro Século (1582-1680)*, Macau, Instituto Português do Oriente, 2000.
- Bautista Román, Juan, *Relación de Juan Baptista Roman factor de las islas Philipinas en Macan* [28.IX.1584; Ms. Academia de la Historia, Madrid, Colección Juan Bautista Muñoz, 9-4797, vol. 18, fls. 249r.-258r.], in *Revista de Cultura*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 31, Abril-Junho 1997, pp. 103-107.
- Bourdon, Léon, "Un project d'invasion de la Chine par Canton à la fin du XVI<sup>e</sup> siècle", in *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros* (Lisboa, 1957), vol. 2, Lisboa, s. ed., 1957, pp. 97-115.
- Boxer, Charles R., *South China in the Sixteenth Century - Being the Narratives of Galeote Pereira, Fr. Gaspar da Cruz O. P., Fr. Martín de Rada, O. E. S. A. (1550-1575)*, Londres, Hakluyt Society, 1953.
- Braga, José Maria, *Jesuítas na Ásia*, Macau, Fundação Macau/ Universidade de Macau/ Instituto Politécnico de Macau, 1998.
- Corrêa, Fernando Calapez, "Vicente Pereira Sarmiento, um português que assistiu à morte de São Francisco Xavier", in *Actas do Congresso Internacional de História. Missionaçãõ Portuguesa e Encontro de Culturas*, vol. 2, Braga, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa/ Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/ Fundação Evangelizaçãõ e Culturas, 1993, pp. 359-365.
- Cruz, Gaspar da, O. P., *Tractado em que se cõtãam muito por estẽso as cousas da China, cõ suas particularidades, e assi do reyno d'Ormuz...* [1569-1570], in Aníbal Pinto de Castro (introd.), *Peregrinaçãõ de Fernão Mendes Pinto e Itinerário de António Tenreiro, Tratado das Cousas da China, Conquista do Reino de Pegu*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1984, pp. 775-887.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-Asiático*, vol. 1, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.
- Em Busca das Origens de Macau (Antologia Documental)*, introdução, leitura e notas de Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996.
- Escobar, João de, *Segunda parte dos Comentarios de Joam d'escouar sobre a embaxada que o muito alto, & muy poderoso Rey dom sebastião, mandou a china* [XI.1564], in Loureiro, Rui Manuel, *A China na Cultura Portuguesa do Século XVI. Notícias, imagens e vivências*. Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, vol. 2, 1994, pp. 1421-1473 (policopiado).
- Gernet, Jacques, *Chine et christianisme. La première confrontation*, édition revue et corrigée, Paris, Éditions Gallimard, 1991.
- Gernet, Jacques, *L'intelligence de la Chine. Le social et le mental*, Paris, Éditions Gallimard, 1994.
- Gernet, Jacques, *Le Monde Chinois*, troisième édition revue et augmentée, Paris, Armand Colin, 1990.
- Góis, Damião de, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel, Nova edição conforme a primeira de 1566*, edição de David Lopes, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, vol. 4, Lisboa, 1955.
- González de Mendoza Juan, O. S. A., *Historia de las cosas mas notables, ritos y costumbres del gran Reyno de la China: sabidas assi por los libros delos mesmos chinas, como por relacion de religiosos, y otras personas que han estado en el dicho reyno...* [1585-1586], Madrid, en casa de Pedro Madrigal, a costa de Blas Robles, librero, 1587.
- Gouvea, António de, S. J., *Asia Extrema. Entra nella a Fé, promulga-se a Ley de Deos pelos Padres da Companhia de Jesus...* [1644], vol. 2, Primeira Parte, Livros II a IV, edição, introdução e notas de Horácio Peixoto de Araújo, Lisboa, Fundação Oriente, 2001.
- Lach, Donald F., *Asia in the Making of Europe*, vol. 1, *The Century of Discovery*, book 1, Chicago/Londres, The University of Chicago Press, 1992.
- Lacouture, Jean, *Jésuites, Une multibiographie*, vol. 1, *Les conquérants*, Paris, Éditions du Seuil, 1991.
- Livro que trata das cousas da India e do Japão*. Edição crítica do Códice quincentista 5/381 da Biblioteca Municipal de Elvas, introdução e notas de Adelino de Almeida Calado, separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 24, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1957.
- Loarca, Miguel de, *Verdadera relacion de la grandeça del Reyno de China con las cosas mas notables de alla hecha por Miguel de Loarca soldado vno de los que fueron alla desde las islas de Luçon que ahora llaman philipinas año de 1575* [1575], Ms. Academia de la Historia, Madrid, Colección Salazar, letra N, t. 4, fls. 113r.-150r.
- Loureiro, Rui Manuel, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000.
- Malatesta, Edward J., "Alessandro Valignano, Fan Li-an (1539-1606). Estratégia da Missão Jesuíta na China", in *Revista de Cultura*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 21, Outubro/ Dezembro 1994, pp. 51-66.
- Oliveira, Francisco Roque de, *A Construção do Conhecimento Europeu sobre a China, c. 1500-c. 1630. Impressos e Manuscritos que Revelaram o Mundo Chinês à Europa Culta*. Tesis presentada en el Departamento de Geografía de la Universitat Autònoma de Barcelona para optar al grado de Doctor en Geografía Humana. Department de Geografia, Universitat Autònoma de Barcelona, marzo del 2003, 2 vols. <<http://www.tdx.cesca.es/TDX.1222103-16016/>>
- Osório, D. Jerónimo, *De Gloria libri V. ad Ioannem Tertium Lusitaniae Regem* [1549], Florença, apud Laurentium Torrentinum, 1552.

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

- Pereira, Amaro & Gago, Baltasar, S. J., “Enformação da China que ouve de hũ portugues por nome Amaro Pereira” [1562], in *Enformação das Cousas da China. Textos do século XVI*, introdução e leitura de Raffaella D’Intino, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, pp. 85-96.
- Pereira, Galiote, “Alguas cousas sabidas da China por purtug[u]eses que estiberão la cativos e tudo na verdade que se tirou dum tratado que fez Galiote Pereira, homem fidalgo que la esteue cativo alguns annos e vio tudo isto passar na verdade o qual he de muito credito” [1553-1565], in *Enformação das Cousas da China. Textos do século XVI*, introdução e leitura de Raffaella D’Intino, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, pp. 63-93.
- Petech, Luciano, “La fonte cinese delle carte del Ruggieri”, in Ruggieri, Michele, S. J., *Atlante della Cina di Michele Ruggieri, S. I.*, a cura di Eugenio Lo Sardo, Roma, Istituto Poligrafico e Zeca dello Stato/Libreria dello Stato, 1993, pp. 41-44.
- Pinto, Fernão Mendes, *Peregrinaçam* [1583-1614], Lisboa, Pedro Craesbeck, 1614.
- Pires, Benjamim Videira, “Cartas dos Fundadores”, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Macau, 62 (724-725), Outubro-Novembro 1964, pp. 729-802.
- Rada, Martín de, O. S. A., “Relacion verdadera de las cosas del reyno de Taibin, por otro nombre China, y del viage que a hizo... en la provincia de Hocquen, año de 1575 hecha por el mismo” [c. 1575], in Boxer, Charles R., *South China in the Sixteenth Century*, Londres, Hakluyt Society, 1953, pp. 243-310.
- Ricci, Matteo, S. J., *Storia dell’Introduzione del Cristianesimo in Cina NN. 501-1000* [1608-1610], edite e commentate da Pasquale M. D’Elia sotto il patrocinio della Accademia Nazionali dei Lincei, Roma, Libreria dello Stato, 1942.
- Ross, Andrew C., *A Vision Betrayed. The Jesuits in Japan and China, 1542-1742*, Edimburgo, Edinburgh University Press, 1994.
- Saussy, Haun, *The Problem of a Chinese Aesthetic*, Stanford, Califórnia, Stanford University Press, 1993.
- Schurhammer, G., *Francisco Xavier. Su vida y su tiempo*, vol. 3, *India, 1547-1549*, traducción de Jesús Iturrioz, Pamplona, Gobierno de Navarra/Compañía de Jesús/Arzobispado de Pamplona, 1992.
- Schurhammer, G., *Xaveriana*, Biblioteca Instituti Historici S. I. - 23, Roma/Lisboa, Institutum Historicum Societatis Iesu/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1964.
- Schurhammer, Georg & Wicki, J. (eds.), *Epistolae S. Francisci Xaverii aliaque eius scripta*, vol. 2, Roma, Monumenta Historica Societatis Iesu, 1945.
- Schütte, Josef Franz, *Valignano’s Mission Principles for Japan*, vol. 1, *From His Appointment as Visitor until His First Departure from Japan (1573-1582)*, Part II, *The Solution (1580-1582)*, St. Louis, Institute of Jesuit Sources, 1985.
- Sommervogel, Carlos, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, vols. 1 e 5, Bruxelas/Paris, Oscar Schepens/Alphonse Picard, 1890 e 1894.
- Spence, Jonathan D., *O Palácio da Memória de Matteo Ricci*, tradução de Denise Bottmann, São Paulo, Editora Schwarcz, 1986.
- Tacchi Venturi, Pietro (ed.), *Opere Storiche del P. Matteo Ricci*, edite a cura del Comitato per le Onoranze Nazionali, com prolegomeni, note e tavole dal P. P. Tacchi Venturi, vol. 2, *Le lettere dalla Cina*, Macerata, Filippo Giorgetti, 1913.
- Valignano, Alessandro, S. J., *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales (1542-64)* [1583], herausgegeben und erläutert von Josef Wicki S. I., Bibliotheca Instituti Historici S. I., vol. 2, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1944.
- Valignano, Alessandro, S. J., *Les jésuites au Japon. Relation missionnaire (1583)*, traduction, présentation et notes de Jacques Bésineau, Paris, Desclée de Brouwer, 1990.
- [Valignano, Alessandro, S. J. &] Sande, Duarte de, S. J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana* [1590], prefácio, tradução do latim e comentário de Américo da Costa Ramalho, Macau, Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Fundação Oriente, 1997.
- Wicki, J. (ed.), *Documenta Indica*, vol. 3, 1553-1557, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1954.
- Wicki, J., “Einführung zur Indischen Geschichte Valignanos”, in Valignano, Alessandro, S. J., *Historia del principio y progreso de la Compañía de Jesús en las Indias Orientales (1542-64)*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1944, pp. 19\*-108\*.